

**ESCOLA DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

AMANDA LOPES DE MORAIS

**O XINTOÍSMO E OS FILMES DE HAYAO MIYAZAKI:
A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO EM SUAS NARRATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Cinema de Animação e Artes Digitais (CAAD), da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação e Artes Digitais.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Leal Werneck
(EBA/UFMG)

BELO HORIZONTE

2021

O XINTOÍSMO E OS FILMES DE HAYAO MIYAZAKI: A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO EM SUAS NARRATIVAS

Amanda Lopes de Morais¹

RESUMO: O Xintoísmo é a religião nativa do Japão que permanece, até hoje, como a religião com maior número de adeptos no país, juntamente com o Budismo. Uma vez que se caracteriza como parte indispensável da cultura japonesa, pode-se dizer que os ensinamentos xintoístas estejam nela enraizados. O cineasta e animador Hayao Miyazaki (1941-), nascido e criado no Japão, sofreu influência desta religião, podendo-se verificar esta influência em seus trabalhos enquanto diretor. Este artigo propõe-se a analisar elementos xintoístas presentes em alguns filmes de animação dirigidos por Miyazaki e como influenciam suas narrativas, especialmente quanto a aspectos morais e éticos das mesmas.

Palavras-chave: Animação. Miyazaki. Ghibli. Xintoísmo.

¹ Graduanda do curso de Cinema de Animação e Artes Digitais (CAAD), da Escola de Belas Artes (EBA), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: moraisamandalopes@gmail.com. Trabalho de Conclusão de Curso, 2021/1. Orientador: Prof. Dr. Daniel Werneck (EBA/UFMG).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nausicaã e Ohmu.....	10
Figura 2 - Nausicaã e Ohmu.....	10
Figura 3 - Kami Nago.....	12
Figura 4 - Maldição de Ashitaka.....	12
Figura 5 - Chihiro e Yubaba.....	18
Figura 6 - Chihiro e Sem-Rosto.....	18

1 INTRODUÇÃO

O atual artigo propõe uma análise sobre a influência da religião xintoísta em filmes de animação dirigidos por Hayao Miyazaki (1941-), com destaque à interferência nos tons morais e éticos das narrativas. Miyazaki é um aclamado cineasta, roteirista e animador japonês, cofundador do Estúdio Ghibli de animação.

O Xintoísmo é uma religião politeísta de origem japonesa. Cerca de 70% da população do Japão é adepta ao Xintoísmo, frequenta templos e participa de seus rituais.² A religião é parte indispensável da cultura japonesa e sua tradição mantém-se forte nos tempos modernos.

É nítida a grande estima que Hayao Miyazaki possui pelo Xintoísmo, a qual pode ser percebida na fala do próprio diretor:

Na época dos meus avós, acreditava-se que os espíritos [*kami*] existiam em toda parte - em árvores, rios, insetos, poços, qualquer coisa. Minha geração não acredita nisso, mas eu gosto da ideia de que todos devemos valorizar tudo porque os espíritos podem existir lá, e devemos valorizar tudo porque existe um tipo de vida em tudo.³

Embora sejam evidentes as referências ao Xintoísmo nos filmes de Miyazaki, com a presença de espíritos e deuses (*kami*) em suas narrativas, é menos conhecida a influência moral dos ensinamentos éticos desta religião em seus roteiros. Neste cenário, no presente trabalho, faremos uma análise de alguns dos filmes dirigidos por Hayao Miyazaki, identificando conceitos éticos da religião xintoísta existentes nos mesmos e como eles ativamente influenciam o tom moral de suas narrativas.

² "World Factbook, JA-Summary" (2020). Publicado em: CIA.gov. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/static/d1be7d258fec9480b038afb0bb2d0a57/JA-summary.pdf>>. Acesso em 21 de julho de 2021.

³ BOYD, James W. e NISHIMURA, Tetsuya (2016). "Shinto Perspectives in Miyazaki's Anime Film "Spirited Away". In: *Journal of Religion & Film*: Vol. 8: Edição 3, Artigo 4. pp. 7-8. Tradução nossa de: "In my grandparents' time, it was believed that spirits [*kami*] existed everywhere – in trees, rivers, insects, wells, anything. My generation does not believe this, but I like the idea that we should all treasure everything because spirits might exist there, and we should treasure everything because there is a kind of life in everything".

2 BREVE INTRODUÇÃO AO XINTOÍSMO

O Xintoísmo é uma religião complexa e de longa história. Não há como explicar todas as suas nuances em um único artigo; porém, apresentaremos algumas de suas características de modo a contextualizar brevemente esta religião para as análises a seguir.

O Xintoísmo é a religião nativa tradicional do Japão, que venera os *kami*. Ela é politeísta e, em sua base, uma religião de natureza, ou seja, uma religião que venera elementos naturais como divinos. Há uma expressão utilizada pelos japoneses para referir-se à quantidade de divindades do Xintoísmo, que pode ser traduzida, literalmente, como “oito milhões de divindades”, o que significa que a quantidade de *kami* é impossível de ser contada.

Embora muitos usem deus, ou deuses, para se referir aos *kami*, esta não seria a tradução mais adequada. A Profa. Dra. Elisa Massae Sasaki comenta sobre o Xintoísmo:

Vários 神 *kami* (divindades ou deidades) estão presentes na natureza, como montanhas, mares, rios, pedras, árvores, pássaros, animais, enfim, a fauna, a flora e os elementos inanimados naturais em geral. Tudo o que causa temor, admiração e respeito também poderia ser considerado *kami*. Os seres humanos que tinham alguma qualidade extraordinária, como os imperadores, os heróis ou ancestrais das famílias, etc. também são referidos como *kami*. Isso evidencia a ideia de *kami*, que a maior parte dos japoneses tem, que é essencialmente diferente da concepção monoteísta de Deus encontrada nas tradições judaico-cristã e muçulmana.⁴

Inicialmente, no Xintoísmo, elementos da natureza eram considerados em si divinos e venerados como *kami*, como, por exemplo, o sol, o céu, o monte Fuji. Esse conceito é conhecido como “Animatismo”, corrente doutrinária que enfatiza o espírito não personalizado. Eventualmente, evoluiu-se o pensamento para a ideia de que existe um espírito invisível, um ser poderoso, que habita esse elemento da natureza

⁴ SASAKI, Elisa Massae. Valores Sociais e Culturais Nipônicos. In: *V Encontro sobre Língua, Literatura e Cultura Japonesa*, 15 de julho de 2011, Centro Cultural e Informativo do Consulado Geral do Rio de Janeiro. p. 4.

e o governa. Este conceito é chamado de Animismo⁵ e o diretor Miyazaki já fez diversos comentários a respeito:

Nos meus dias de folga, costumo me juntar a alguns moradores locais para limpar um rio, então, na verdade, tive uma experiência muito semelhante à de Chihiro. Eu realmente senti que os espíritos dos rios japoneses estão se sentindo exaustos, que eles estão vivendo em condições muito lamentáveis e patéticas. Não são apenas os seres humanos que estão sofrendo nessas ilhas japonesas.⁶

As divindades xintoístas não são acreditadas como sendo onipotentes ou absolutas sobre os seres humanos, e nem sempre são vistas como benevolentes. “Há uma antiga tradição no Xintoísmo de venerar *kami* porque eles são assustadores e perigosos, na esperança de que a veneração os persuadirá a não causar desastres.”⁷

Pessoas que vivem em cidades também podem ter a chance de vivenciar esse tipo de espírito da floresta. Eles podem ir para vilas no Japão onde há pequenos templos xintoístas, localizados em áreas onde parece que alguma presença pode ser sentida. Então, as pessoas vão até lá para rezar: “Por favor fique calmo” ou “Por favor não nos machuque.” Elas não estão rezando para que suas almas sejam salvas.

Ashitaka diz repetidamente: “Acalme-se, acalme-se”, e este conceito de acalmar é central para a percepção japonesa da natureza.⁸

Essa prática não existia por acreditarem que os *kami* eram cruéis, mas, sim, porque são espíritos da natureza. Grandes desastres naturais podem causar imensos danos aos humanos, mas isso não torna a natureza perversa. Era também comum rezar aos *kami* pedindo por boa colheita, sorte, prosperidade, entre outros.

⁵ KATO, Genchi. *A Study of Shinto: The Religion of the Japanese Nation*. Londres: Curzon Press, 1971. p. 7-8.

⁶ MIYAZAKI, Hayao. *Turning Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 219. Tradução nossa de: “On my days off, I often join some local people in cleaning up a river, so I’ve actually had an experience very similar to that of Chihiro. I’ve really sensed that the spirits of Japanese rivers are feeling worn out, that they’re living in very sorry, pathetic conditions. It’s not just human beings who are suffering on these Japanese islands”.

⁷ CHART, David. *An Introduction to Shinto*. Japão: Mimusubi, 2020. Capítulo 1, para. 5. Tradução nossa de: “There is a very old tradition in Shinto of venerating *kami* because they are frightening and dangerous, in the hope that the veneration will persuade them to refrain from causing disasters”.

⁸ MIYAZAKI, 2014. p. 83. Tradução nossa de: “People who live in cities can also have a chance to experience this kind of forest spirit. They can go to villages in Japan where there are small Shinto shrines placed in the areas where it seems like some presence might be felt. So people go there to pray “Please stay calm,” or “Please don’t harm us humans.” They are not praying for their own souls to be saved. Ashitaka repeatedly says, “Quiet down, quiet down,” and that concept of quieting down is central to the Japanese perception of nature”.

Os deuses xintoístas nunca foram concebidos como absolutos ou transcendentos em relação ao homem e ao mundo. Ao contrário, sempre se assumiu que há uma continuidade significativa entre o *kami* (divindade) e o homem. Em grande contraste com a dicotomia simbólica entre o criador e a criação nas religiões monoteístas, a relação entre o *kami* (divindade) e o homem é simbolizado pelo termo 親子 *oyako* (pais e filhos), uma expressão para a relação entre os ancestrais e os descendentes.⁹

Podemos perceber, então, que a religião xintoísta se difere bastante das religiões monoteístas. Embora os *kami* sejam merecedores de respeito e admiração, eles não demandam adoração ou submissão por parte dos humanos. O divino e o mundano existem lado a lado, assim como os humanos são parte da natureza. Os japoneses adoram os *kami* como aos seus próprios antepassados.

⁹ SASAKI, Elisa Massae. Valores Sociais e Culturais Nipônicos. In: *V Encontro sobre Língua, Literatura e Cultura Japonesa*, 15 de julho de 2011, Centro Cultural e Informativo do Consulado Geral do Rio de Janeiro. p. 4-5.

3 NÃO-AMBIENTALISMO

O Japão é um país que possui 68,4% de cobertura florestal em seu território.¹⁰ Embora não seja possível conectar diretamente a herança xintoísta a esse dado, é inegável que o Japão se trata de um país que considera a preservação da natureza um assunto importante.

Nos filmes produzidos pelo Studio Ghibli são marcantes os cenários muito verdes e naturais. Dois dos filmes dirigidos por Hayao Miyazaki - *Nausicaã do Vale do Vento* (1984) e *Princesa Mononoke* (1997) - tratam especificamente sobre a relação do homem com a natureza e seus conflitos. Embora o apreço pela natureza e seus elementos possam ser facilmente atribuídos a ideais ambientalistas, o próprio Miyazaki deixou claro que não se considera um ambientalista, tampouco teve a intenção de tornar sua heroína, Nausicaã, em um símbolo do movimento:

Algumas pessoas também sofrem com o equívoco de que Isao Takahata-san e eu somos algum tipo de ambientalistas e que faremos um filme de qualquer coisa, desde que tenha um tema ou mensagem ecológica. Nada poderia estar mais longe da verdade.¹¹

[...]

Entrevistador: E a versão cinematográfica acabou virando bandeira do movimento ecológico que tanto se popularizou nos anos 80.

Miyazaki: Não era essa a intenção, acho que Nausicaã apenas estava no lugar certo na hora certa para desempenhar esse papel.¹²

Como já dito, o Xintoísmo é uma religião de natureza, que crê que todas as formas identificáveis da natureza possuem uma alma e agem intencionalmente.

¹⁰ RITCHIE, Hannah e ROSER, Max (2021) - "Forests and Deforestation". Publicado em: OurWorldInData.org. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/forest-area>>. Acesso em 21 de julho de 2021.

¹¹ MIYAZAKI, Hayao. Starting Point. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 106. Tradução nossa de: "Some people also suffer from the misconception that Isao Takahata-san and I are both some sort of environmentalists, and that we will make a film out of anything as long as it has an ecological theme or message. Nothing could be further from the truth."

¹² MIYAZAKI, Hayao. Starting Point. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 391. Tradução nossa de: "Interviewer: And the film version wound up becoming the flag-bearer for the ecology movement that was so popular on the 80s. Miyazaki: That wasn't intended at all, I think Nausicaã just happened to be in the right place at the right time to play that role."

Árvores, rios, pedras e montanhas possuem espíritos, *kami*, que são temidos e respeitados. Sobre a ideia de preservação e proteção da natureza, Miyazaki comenta: “Eu sou muito mais atraído pela ideia de preservar as florestas e manter os rios limpos, não pelo bem dos humanos, mas porque eles próprios estão vivos.”¹³

Ademais, Miyazaki não vê a natureza como algo frágil que deva ser protegido. Assim como os *kami*, espíritos da própria natureza, Miyazaki não enxerga a natureza como uma força benevolente e gentil. Há uma dualidade em ambas as existências, sobre as quais o diretor comenta de forma bastante similar em diferentes entrevistas:

A impressão que temos de uma paisagem muda dependendo das emoções de quem vê esta paisagem. Natureza generosa é, ao mesmo tempo, natureza feroz. É por isso que os humanos se sentem humildes diante da natureza e são capazes de perceber sua verdadeira abundância.¹⁴

[...]

Os deuses no Japão não são puramente bons nem puramente maus. O mesmo deus pode às vezes ser feroz e outras vezes trazer uma vegetação suave. Esse é o tipo de crença que os japoneses sempre sustentaram.¹⁵

Assim como os *kami* são por muitas vezes temidos pelos seres humanos, Miyazaki parece sugerir que devemos sentir o mesmo frente à natureza. Talvez não medo, mas um respeito que reconhece se tratar de uma força muito maior que aquela dos humanos.

Dado o exposto, é coerente que, nas duas obras de Miyazaki que mais abordam a relação entre homem e natureza, a humanidade esteja em guerra com o meio ambiente. Em *Nausicaä do Vale do Vento*, os humanos encontram-se à beira da extinção provocada pela toxicidade espalhada pelas florestas, chamadas de Mar Podre, toxicidade esta causada pela própria humanidade. Em *Princesa Mononoke*, a vila (refinaria) comandada por Lady Eboshi encontra-se em constante conflito com os

¹³ MIYAZAKI, Hayao, *Turning Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 367. Tradução nossa de: “I am much more attracted to the idea of preserving the forests and keeping rivers clean, not for the sake of humans, but because they themselves are alive.”

¹⁴ MIYAZAKI, Hayao. *Starting Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 335. Tradução nossa de: “The impression we have of a landscape changes depending on the emotions of the person viewing the landscape. Nature that is generous is, at the same time, nature that is ferocious. This is why humans feel humbled in the face of nature and why they are able to realize it’s true abundance”.

¹⁵ MIYAZAKI, Hayao. *Turning Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 36. Tradução nossa de: “The gods in Japan are neither purely good nor purely evil. The same god can at times be ferocious and at other times bring about gentle greenery. This is the kind of belief Japanese people have held all along”.

kami da floresta, pois eles buscam proteger fauna e flora local enquanto os humanos tentam cortar a floresta para produzir ferro. No entanto, a ideia central dos dois filmes não é a de que a humanidade esteja errada e que a natureza deva ser preservada. Os dois lados estão em guerra e o desejo dos protagonistas, Nausicaä e Ashitaka, é encontrar equilíbrio entre as duas partes. Enquanto os humanos atacam os insetos protetores do Mar Podre com armas, Nausicaä gentilmente os guia para longe. Enquanto a refinaria e os *kami* lutam e destroem uns aos outros, Ashitake indaga: “A floresta e os humanos não podem viver em paz?”.¹⁶ Ambos desejam encontrar um modo de viver em harmonia com um mundo natural, o que está de acordo com os ideais xintoístas.

¹⁶ PRINCESA MONONOKE. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toho, 1997 (minutagem: 1:45:15).

4 PUREZA E IMPUREZA

A ideia de pureza é um dos principais pensamentos éticos do Xintoísmo. Aquilo que é impuro afastaria os seres humanos dos *kami*, enquanto aquilo que é puro os aproximaria do divino. A pureza a que eles se referem é tanto interna quanto externa. As pessoas devem ser honestas e íntegras, internamente puras, assim como devem ser limpas, livres de sujeiras e poluição. É comum a presença de um “pavilhão de água” (*temizu-ya*) localizado próximo à entrada de templos xintoístas, para que os visitantes possam limpar-se – purificar o corpo – antes de entrar no templo.

Há dois significados de pureza no Xintoísmo: um é a pureza exterior (pureza corporal) e o outro é a pureza interior (pureza de coração). Se um homem é verdadeiramente sincero em sua mente, ele com certeza será bem sucedido em realizar uma comunhão com o Divino. Isso nada mais é do que pureza interior ou Sinceridade, que significa pureza de coração ou retidão de coração.¹⁷

O desejo de ser puro e manter-se puro é algo que vem do próprio indivíduo. Não há a ideia de uma pós-vida em que os humanos seriam punidos por suas transgressões. Os *kami* não realizam julgamentos sobre as almas humanas. Nas palavras de Miyazaki: “Aquilo em que acreditamos não são deuses mesquinhos, o tipo que o guia para o céu quando você morre ou o leva para o paraíso após a morte ou o coloca em uma balança no dia do julgamento.”¹⁸

¹⁷ Nihonshoki-Sanso, Vol. II, p. 112. apud KATO, Genchi. A Study of Shinto: The Religion of the Japanese Nation. Londres: Curzon Press, 1971. p. 165. Tradução nossa de: “There are two significations of purity in Shinto: one is outer purity (bodily purity) and the other is inner purity (purity of heart). If a man is truly sincere in mind he will be sure to succeed in realizing a communion with the Divine. This is no other than inner purity or Sincerity, which means purity of heart or uprightness of heart”.

¹⁸ MIYAZAKI, Hayo. Turning Point. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 36. Tradução nossa de: “What we believe in are not petty gods, the kind that guide you to heaven when you die, or take you to paradise upon death, or put you on a set of scales on judgement day”.

4.1 NAUSICAA DO VALE DO VENTO

O filme *Nausicaã do Vale do Vento* aborda extensamente os conceitos de pureza e impureza. Na ideia de pureza externa, encontra-se todo o conflito entre homem e natureza no filme. Nausicaã vive em mundo pós-apocalíptico, em que o Mar Podre, florestas com vegetação tóxica, espalha-se pelo planeta, dizimando a vida humana. No início do filme, a noção é de que a natureza é poluída, tóxica e, portanto, perversa. No entanto, posteriormente, é revelado que a toxicidade, o veneno, não vem da vegetação, mas da própria terra. O Mar Podre está na verdade filtrando a terra da poluição causada pelos humanos em guerras passadas, e eventualmente a terra se tornará pura novamente: “A poluição vem da própria terra. Até a terra do nosso vale. Por quê? Quem fez algo tão horrível para o planeta?”.¹⁹

A protagonista Nausicaã é uma personagem de grande pureza interna. Nausicaã constantemente coloca-se em perigo para salvar outros ou impedir que mais violência aconteça. Diversas vezes a mesma consegue acalmar conflitos, sacrificando o seu bem estar. De certa forma, Nausicaã pode ser comparada às árvores do Mar Podre. Absorvendo a raiva, absorvendo a violência, ela acalma e “purifica” o coração dos homens. Embora o Mar Podre esteja dizimando a população humana, Nausicaã não guarda qualquer rancor pelas florestas. Ela faz o seu melhor para compreender tanto a flora – mantendo um quarto secreto no qual ela estuda as plantas do Mar Podre – quanto a fauna de seu mundo – sendo capaz de se comunicar, de certa forma, com os gigantes insetos protetores do Mar Podre.

Ao descobrir que o Mar Podre eventualmente purificará o mundo, Nausicaã chora de felicidade. Ela compartilha seus pensamentos com outro personagem, Asbel, mas este tem uma visão pessimista sobre a descoberta: que não há como os humanos sobreviverem em sua atual situação por milhares de anos, esperando até que a terra seja pura novamente. Porém, isso não é motivo de decepção ou tristeza para Nausicaã. Ela entende que a natureza não trabalha em favor dos humanos e que a possibilidade da humanidade sobreviver para ver um mundo puro é irrelevante:

¹⁹ NAUSICAA DO VALE DO VENTO. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Topcraft. Japão: Toei Company, 1984 (minutagem: 42:13).

“Tentamos conservar a natureza porque ela produz uma natureza útil para nós como espécie. Mas a natureza é essencialmente selvagem. Ela nega a cultura e a civilização.”²⁰ Por melhor compreendê-la, Nausicaä é a personagem mais próxima da natureza e, na crença xintoísta, do divino.

Figuras 1 e 2 - Nausicaä e Ohmu



Fonte: *Nausicaä do Vale do Vento*, 1984 (minutagem: 55:47; 55:49).

A conexão de Nausicaä com os *kami* ou, no caso do filme, com os insetos protetores do Mar Podre, aparenta para os outros personagens como uma habilidade quase paranormal. Usando um interessante apito, ela é capaz de guiar e acalmar os insetos. Seu amor e respeito pela natureza são tamanhos que, ao final do filme, Nausicaä faz de tudo para salvar um filhote e deter o avanço furioso dos *ohmus* (espécie de insetos), sacrificando até mesmo a própria vida. Os *ohms* reconhecem a pureza de seu ato e a recompensam, parando seu ataque e ressuscitando-a ou, ao menos, curando suas feridas mortais, ao que a anciã do Vale do Vento afirma: “Quanta benevolência e compaixão. Os *ohmus* abriram seus corações.”²¹

²⁰ MIYAZAKI, Hayo. *Starting Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 213. Tradução nossa de: “We try to conserve nature because it yields a nature useful to us as a species. But nature is essentially savage. It negates culture and civilization”.

²¹ NAUSICAA DO VALE DO VENTO. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Topcraft. Japão: Toei Company, 1984 (minutagem: 1:53:45).

4.2 PRINCESA MONONOKE

No início de *Princesa Mononoke*, a vila do protagonista, Ashitaka, é atacada por um espírito maligno (*tatarigami*). Posteriormente, descobrimos que aquele espírito foi perfurado por uma bala de ferro e, em meio a sua dor e seu sofrimento, ressentiu-se dos humanos e não foi capaz de, ou não quis, livrar-se de seu ódio. Desse modo, perdendo sua pureza interior, o grande *kami* javali, Nago, tornou-se um *tatarigami*. A impureza presente nele – seu rancor e ódio pelos humanos – manifestou-se também de forma externa, com a aparência de vermes viscosos e escuros cobrindo toda a sua pele.

Ao ter seu braço tocado pela impureza do *kami* corrompido, Ashitaka é amaldiçoado. Seu braço é coberto por grandes manchas escuras e a anciã de sua vila lhe informa que a marca irá crescer, espalhar-se por seu corpo e eventualmente matá-lo. A maldição de Ashitaka cresce e descontrola-se todas as vezes em que ele sente ódio ou age de forma violenta, ou seja, toda vez que seus pensamentos ou ações são impuras. Ao passar por uma vila, Ashitaka encontra samurais atacando aldeões. Quando tenta defender os aldeões, disparando flechas contra os homens armados, a maldição de Ashitaka agita-se em seu braço (semelhante aos vermes do *tatarigami* Nago) e faz com que suas flechas sejam disparadas com força sobrenatural, arrancando membros inteiros dos samurais.²² Durante uma conversa com Lady Eboshi, chefe da refinaria, Ashitaka se enfurece com ela, após Eboshi dizer que foram suas armas as responsáveis por ferir Nago, e que a mesma prosseguiria fabricando armas para matar mais “monstros”. O braço amaldiçoado de Ashitaka guia a sua mão – de forma involuntária – até a faca que carrega e ele precisa segurar fisicamente o braço amaldiçoado para não atacar Lady Eboshi.²³

²² PRINCESA MONONOKE. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toei Company, 1986 (minutagem: 13:00).

²³ PRINCESA MONONOKE. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toei Company, 1986 (minutagem: 39:34).

Figura 3 - Kami Nago; Figura 4 - Maldição de Ashitaka



Fonte: *Princesa Mononoke*, 1997 (minutagem: 03:25; 13:24).

A maldição parece ser temporariamente acalmada quando entra em contato com a água, mas lavar a marca da maldição não a faz sumir por completo, ou seja, a água não é capaz de purificar a maldição, pois não se trata apenas de impureza externa. A maldição carrega a poluição de Nago e também se alimenta da impureza no coração de Ashitaka. O que Ashitaka vivencia, então, é uma batalha interna contra seu próprio ódio e rancor. Como afirma Miyazaki: “Acredito que violência e agressividade são partes essenciais de nós como seres humanos. Acho que é impossível eliminar esse impulso de nós mesmos. A questão que enfrentamos como seres humanos é como controlar esse impulso.”²⁴

Ao enviar Ashitaka para fora da vila, a anciã diz a ele que, caso veja as coisas com uma visão clara (limpa), poderá, talvez, encontrar um modo de quebrar sua maldição. É uma fala de grande importância no filme, pois, ao chegar à refinaria – lugar onde o *kami* Nago foi ferido mortalmente –, Ashitaka encontra-se no meio de um grande conflito entre humanos e *kami* da floresta, ambos os lados cegos pelo ódio. Ashitaka, com uma visão limpa e pura da situação, é uma parte neutra. Ele não favorece nenhum dos lados e procura encontrar um equilíbrio entre as duas partes, de forma que ambas possam viver.

O ideal de equilíbrio é algo nato ao Xintoísmo. Os humanos não existem separadamente da natureza e, sim, como parte dela, tais quais todos os outros seres.

²⁴ MIYAZAKI, Hayo. *Turning Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 186. Tradução nossa de: “I believe that violence and aggression are essential parts of us as human beings. I think it is impossible to eliminate that impulse from ourselves. The issue that we confront as human beings is how to control that impulse”.

Assim como a natureza precisa existir em equilíbrio, os humanos também devem viver em equilíbrio com o mundo.

5 UMA VISÃO AMBÍGUA SOBRE A MORAL

Embora existam extensos relatos sobre as lendas das divindades xintoístas, não há, por assim dizer, ensinamentos morais diretos em seus livros sagrados. Alguns atos são condenados, como incesto ou bestialidade, mas, em geral, não há nada que possa ser considerado guia da lei moral xintoísta – do mesmo modo que os cristãos têm os 10 Mandamentos, por exemplo. É tido como função de cada indivíduo determinar o que é moral ou não e agir da forma que considerar mais correta:

O Xintoísmo não fornece nenhum código moral e depende apenas das sugestões da consciência para orientação ética. Se o homem deriva os primeiros princípios de seus deveres da intuição, uma programação de regras e regulamentos para a direção da conduta diária se torna não apenas supérflua, mas ilógica.²⁵

Neste contexto, acreditamos que os japoneses têm uma visão mais ambígua sobre a moral do que outras nações. Enquanto o Cristianismo, grosso modo, condena ações como pecados, independentemente do contexto em que foram realizadas, o Xintoísmo parece considerar a intenção da ação muito mais importante do que o ato em si:

[...] de acordo com uma narração no Shasekishu, uma vez uma senhora de grande beleza estava peregrinando, quando o líder religioso do partido se apaixonou por seus encantos e lhe deu a conhecer o seu desejo. Muito perturbada, a senhora aconselhou-se com sua criada, que lealmente determinou que, para proteger a honra de sua senhora, ela sacrificaria a sua própria, e isto, sob o manto da escuridão da noite, ela realmente o fez. Diante disso, a ira divina infligiu a morte imediata ao líder apóstata como punição por ele ter contaminado a sagrada vizinhança do santuário; enquanto, por outro lado, o pecado da serva, tendo sido cometido de pura intenção e sob compulsão, foi divinamente perdoado.²⁶

²⁵ ASTON, W. G. Shinto: The Way of the Gods. C. M. G., D. Lit. Capítulo XI, para. 4. Tradução nossa de: “Shinto provides no moral code, and relies solely on the promptings of conscience for ethical guidance. If man derives the first principles of his duties from intuition, a schedule of rules and regulations for the direction of everyday conduct becomes not only superfluous but illogical”.

²⁶ KATO, Genchi. A Study of Shinto: The Religion of the Japanese Nation. Londres: Curzon Press, 1971. p. 181. Tradução nossa de: “[...] according to a narration in the Shasekishu, once upon a time a lady of great beauty was making pilgrimage when the religious leader of the party became smitten by her charms and made known to her his desire. Greatly perturbed, the lady took counsel of her attendant maid, who loyally determined that in order to protect her lady’s honour she would sacrifice her own, and this, under cover of the darkness of night, she actually did. Whereupon the divine anger inflicted immediate death upon the apostate leader as punishment for his thus defiling the sacred neighbourhood of the shrine; whilst, on the other hand, the sin of the maid servant, having been committed of pure intent and under compulsion, was divinely condoned”.

Embora ambos, o líder religioso e a criada, tenham cometido ato libidinoso e difamado a área sagrada de um templo, apenas o líder foi punido, pois as intenções da criada eram puras e nobres. Podemos ver que no Xintoísmo as circunstâncias de uma ação determinam sua natureza. Certo e errado são questões que aparentam variar de caso a caso.

Neste contexto, em que os japoneses não possuem uma visão inflexível sobre o que é certo ou errado, sobre o que é moral ou não, insere-se a ambiguidade dos personagens de Hayao Miyazaki.

Nos filmes de Miyazaki, não há - com exceção, talvez, de Muska, personagem de *O Castelo no Céu* (1986) - um personagem que possa ser definido como vilão, no sentido literal da palavra. Kushana, a general que invade o Vale do Vento onde Nausicaä vive, toma essas ações por acreditar que com elas poderá salvar a humanidade do Mar Podre. Lady Eboshi, em *Princesa Mononoke*, desmata a floresta e guerreia com os *kami* que tentam protegê-la, mas acolhe mulheres e leprosos em sua vila. O diretor Miyazaki comenta sobre a complexidade dos seres humanos:

Agora, eu sei que existem coisas boas e más no mundo, e que as pessoas fazem coisas boas. Mas as pessoas que fazem coisas boas não são necessariamente pessoas boas, mas apenas pessoas que fizeram coisas boas. No próximo instante, elas podem acabar fazendo algo ruim e, se não levarmos isto em consideração em nossa visão dos humanos, cometeremos erros constantemente ao tomar decisões políticas ou sobre nós mesmos.²⁷

Miyazaki explora profundamente a dualidade dos seres humanos, sendo assim capaz de retratar personagens complexos e interessantes. Suas criações não estão presas a papéis e clichês, assim como aqueles que crêem no Xintoísmo não estão presos a códigos morais de conduta.

²⁷ MIYAZAKI, Hayo. *Starting Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 398. Tradução nossa de: "Now, I know that there are such things as good and evil in the world, and that people do good things. But people who do good things are not necessarily good people, they just happen to be people who have done good things. The next instant they might wind up doing something bad, and if we don't take that into account in our views of humans, we'll constantly make mistakes when making political decisions or decisions about ourselves".

5.1 A VIAGEM DE CHIHIRO

Em entrevista, durante discussão sobre a presença do politeísmo em *A Viagem de Chihiro*, Miyazaki fez o seguinte comentário:

Na verdade, quando estávamos tentando decidir se íamos ou não lançar *A Viagem de Chihiro* na América, nós pedimos que algumas pessoas de lá o vissem. Eles disseram que podiam entender até certo ponto. Mas eles também disseram que quando Chihiro, a heroína, recebeu um bolinho amargo do espírito do rio, eles pensaram que ela iria usá-lo para derrotar Yubaba (que controla a casa de banho) em uma luta. Em vez disso, a trama tomou uma direção totalmente inesperada, eles se perderam completamente e foi isso. Então, eu realmente senti a inflexibilidade, ou tenacidade, dos deuses nas religiões monoteístas.²⁸

Podemos concluir com essa fala que Miyazaki vê a necessidade de enxergar um personagem como vilão e, por associação, a necessidade de eventual conflito entre o bem e o mal, como consequência do pensamento monoteísta. Se as próprias divindades xintoístas são multifacetadas, capazes de fazer tanto o bem quanto o mal, e não realizam julgamentos sobre as almas humanas; não seria papel dos humanos agirem como juiz e carrasco, auto denominarem-se heróis e combaterem o “mal”. Como dito anteriormente, é papel de cada indivíduo refletir sobre o que é correto, o que é puro, e determinar como conduzir sua vida.

A personagem Chihiro é alguém que age de acordo com aquilo que acredita ser correto. O objetivo de Chihiro é conseguir deixar a casa de banho com seus pais, com os mesmos de volta à sua forma humana. Porém, ela não vê qualquer necessidade de confrontar outros personagens para alcançar seu objetivo.

Yubaba é a responsável pelo feitiço que transformou os pais de Chihiro em porcos. Quando Chihiro a procura e pede que ela lhe dê um emprego, Yubaba faz com que Chihiro assine um contrato e, usando magia, “rouba” parte de seu nome, ato

²⁸ MIYAZAKI, Hayao. *Turning Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 232-233. Tradução nossa de: “Actually, when we were trying to decide whether or not to release *Spirited Away* in America, we had some folks over there look at it. They said they could understand it up to a point. But they also said that when Chihiro, the heroine, was given a bitter dumpling by the river spirit, they thought she would use it to defeat Yubaba (who controls the bathhouse) in a fight. Instead, the plot turned in a totally unexpected direction, they got completely lost, and that was it. So I really felt the inflexibility, or tenaciousness, of gods in monotheistic religions”.

que faria com que Chihiro perdesse sua memória aos poucos e se tornasse incapaz de retornar ao mundo humano. Apesar disso, Chihiro não guarda qualquer rancor de Yubaba e, ao final do filme, chega a carinhosamente chamá-la de “vovó”. Yubaba comanda a casa de banho com mãos de ferro, mas ela nunca é retratada como alguém cruel. Yubaba é a figura de uma chefe severa e não de uma bruxa má. Quando perguntado sobre a irmã gêmea de Yubaba, Zeniba, Miyazaki comentou:

[...] Então, criei uma irmã gêmea para Yubaba. É claro que, em retrospecto, poderia ter sido uma irmã mais alta e mais velha, não apenas uma gêmea. Mas, de qualquer forma, ainda são duas facetas da mesma pessoa. Quando estamos no trabalho, somos como Yubaba, gritando, fazendo bagunça e fazendo as pessoas trabalharem, mas quando vamos para casa, tentamos ser bons cidadãos. Essa dissidência é a parte dolorosa de ser humano.²⁹

Embora Yubaba e Zeniba sejam irmãs, as duas também podem ser interpretadas como a mesma pessoa - não só ambas são idênticas como também se vestem exatamente iguais. Com isso, Miyazaki mostra que haveria mais em uma pessoa do que apenas uma de suas faces. Tentar classificar Yubaba em um papel simplista de “vilã” seria ignorar toda a complexidade de seu personagem.

Outro personagem que apresenta dois lados drasticamente diferentes é o espírito Sem-Rosto. Após entrar na casa de banho, convidado por Chihiro, Sem-Rosto acaba se corrompendo - tornando-se impuro -, movido pela ganância. Produzindo ouro falso, ele convence os funcionários da casa de banho a servi-lo. Seu corpo cresce de tamanho e ele assume uma forma monstruosa. Embora o personagem Sem-Rosto tenha devorado diversas pessoas na casa de banho e tenha tentado devorar a própria Chihiro, ela tenta ajudá-lo mesmo assim. Chihiro dá ao Sem-Rosto o presente que recebera do espírito do rio - o qual a mesma diz que estava guardando para dar a seus pais - que o faz expelir toda a sua corrupção. Chihiro o encoraja a segui-la, pois diz que: “Ele só é mau na casa de banho. Ele precisa sair de lá.”³⁰

²⁹ MIYAZAKI, Hayo. *Turning Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014. p. 223. Tradução nossa de: “[...] So I created a twin for Yubaba. Of course, in retrospect, it could have been a taller, older sister and not just a twin. But either way, it’s still really like two facets of the same person. When we’re at work we’re like Yubaba, yelling and making a mess and getting people to work, but when we go home we try to be good citizens. This schism is the painful part of being human”.

³⁰ A VIAGEM DE CHIHIRO. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toho, 2001 (minutagem: 1:36:52).

Figura 5 - Chihiro e Yubaba; Figura 6 - Chihiro e Sem-Rosto



Fonte: *A Viagem de Chihiro*, 2001 (minutagem: 1:06:15; 1:39:28).

O retrato dos personagens citados é evidência da influência xintoísta nas narrativas do diretor Hayao Miyazaki, pela qual os seres não são dualistas e, sim, multifacetados, pois não estão cativos a noções definidas de moralidade.

5.2 PRINCESA MONONOKE

O filme *Princesa Mononoke* está centrado no conflito entre os humanos da refinaria e os *kami* da floresta. Embora os dois lados estejam ativamente buscando a destruição um do outro, nenhum dos personagens é retratado como errado ou cruel. Seus feitos não podem ser facilmente julgados com bons ou maus. Como já abordado, no Xintoísmo a intenção de uma ação é mais importante do que o ato em si. Todos estão apenas buscando defender aquilo que julgam importante.

Lady Eboshi está destruindo a floresta sagrada do Shishigami para produzir ferro; com suas balas de ferro ela causou o ferimento mortal do *kami* javali Nago e, por consequência, o protagonista Ashitaka acabou sendo amaldiçoado por Nago, maldição esta que certamente tomaria a sua vida. Ela se encontra como catalisadora de uma corrente de violência e ódio, mas, mesmo assim, não podemos evitar simpatizar com Lady Eboshi. Ao fundar a refinaria, Lady Eboshi acolheu em sua vila dezenas de pessoas; dentre elas, diversos párias da sociedade, como prostitutas e leprosos. Lady Eboshi é amada por seu povo e as pessoas da refinaria vivem felizes, graças a ela.

Para os humanos, as árvores da floresta sagrada são apenas árvores, porém, os *kami* da floresta sabem que todas estão vivas e têm sua própria voz. Toda a floresta está viva e, para os *kami*, é imperdoável que os humanos prossigam matando parte de seu povo. Moro, a grande *kami* lobo, compartilha com Ashitaka seu ódio por Lady Eboshi: “As árvores gritam ao morrerem. Mas você não consegue ouvir. Fico aqui, ouvindo a dor da floresta, sentindo a dor da bala no meu peito... e sonho com o dia em que devorarei aquela mulher com minhas presas!”³¹

Entretanto, embora os dois lados do conflito tenham suas razões, é evidente que a guerra entre os humanos e os *kami* não deve continuar. Assim como Ashitaka, completamente alheio ao conflito, foi amaldiçoado por consequência dele, outras pessoas podem acabar desnecessariamente envolvidas. Um ciclo vicioso de ódio começaria, espalhando-se como poluição - impureza - que geraria apenas mais

³¹ PRINCESA MONONOKE. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toho, 1997 (minutagem: 1:20:18).

violência. Quando Lady Eboshi pergunta a Ashitaka se o seu braço amaldiçoado deseja matá-la, ele responde: “Se isso acabasse com a minha maldição, eu o faria. Mas a minha mão não pararia por aí.”³²

Acreditamos que a mensagem que Miyazaki procura passar é a de que os dois lados estariam corretos, mas não a intensidade de seus argumentos. É impossível preservar totalmente a natureza, como também é insustentável prosseguir com sua destruição. Enquanto existirmos como civilização, a humanidade continuará a causar danos à natureza. Nós podemos, porém, buscar modos de amenizar esses danos e viver de forma harmônica com o mundo natural, assim como Ashitaka procura um equilíbrio entre os moradores da refinaria e os *kami* da floresta sagrada.

³² PRINCESA MONONOKE. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toho, 1997 (minutagem: 40:33).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final deste artigo, consideramos que buscamos firmar novo modo de analisar os filmes de animação dirigidos por Hayao Miyazaki. É claro que os temas apresentados podem ter sido inspirados por outros ideais que não os xintoístas, porém, considerando a origem e cultura do diretor, acreditamos que o Xintoísmo seja uma de suas mais fortes influências. Julgamos que, dados os argumentos e referências apresentados, a breve análise feita no trabalho atingiu seu objetivo.

O Xintoísmo é a religião com maior número de adeptos no Japão e está fortemente atrelada à cultura japonesa, por ser nativa ao país. O Xintoísmo se baseia no ideal de harmonia com a natureza, a qual crê ser habitada, em todas as suas formas, por seres divinos. Embora seja de certo modo comum a discussão sobre a influência xintoísta nos filmes de Miyazaki, é menos argumentada a influência moral desta religião em seus trabalhos, já que o Xintoísmo, como abordado, é uma religião que não possui ensinamentos éticos consolidados. Estes não são, no entanto, inexistentes.

O conceito de pureza, principal pensamento ético do Xintoísmo, tem forte presença nas obras do diretor, como demonstrado ao longo do presente artigo. Constatamos também que a falta de um guia ético do Xintoísmo se traduz como a característica flexível do tom moral das narrativas de Miyazaki, mas ainda é possível perceber que a busca xintoísta por boas ações, movidas por sentimentos puros e benevolentes, ainda seria motivador das ações dos protagonistas dos filmes feitos pelo diretor aqui destacados.

As produções da área de animação são fortemente atreladas às referências, visuais ou narrativas, de seus realizadores. Sendo assim, é extremamente importante buscar sobre culturas diferentes para que as fontes de referências não sejam padronizadas e as produções autônomas, por consequência, inautênticas. Por esse motivo emerge a relevância de se realizar a pesquisa sobre um diretor do Japão, país de cultura tão diferente da brasileira.

Ao estudarmos construções filmográficas variadas, é possível concluir pela relevância da análise das obras do renomado diretor Miyazaki sob diferentes

perspectivas, a fim de enriquecer não apenas os estudos acadêmicos sobre cinema de animação, como também o ambiente de produção de filmes de animação nacionais.

REFERÊNCIAS

- ASTON, William George, tradutor. Autor desconhecido. *Nihongi: Chronicles of Japan from the Earliest Times to A.D. 697*. EUA: Tuttle Publishing, 1972.
- ASTON, William George. *Shinto: The Way of the Gods*. C.M.G, D. Lit, 1905.
- CHART, David. *An Introduction to Shinto*. Japão: Mimusubi, 2020.
- KATO, Genchi. *A Study of Shinto: The Religion of the Japanese Nation*. Londres: Curzon Press, 1971.
- MIYAZAKI, Hayao. CARY, Beth e SCHODT, Frederick L. (tradutores). *Starting Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014.
- MIYAZAKI, Hayao. CARY, Beth e SCHODT, Frederick L. (tradutores). *Turning Point*. São Francisco: VIZ Media, 2014.
- REINDERS, Eric. *The Moral Narratives of Hayao Miyazaki*. Estados Unidos: McFarland & Company, 2016.
- SASAKI, Elisa Massae. “Valores Culturais e Sociais Nipônicos”. In: *IV Encontro sobre língua, literatura e cultura japonesa*, 15 de julho de 2011, Centro Cultural e Informativo do Consulado Geral do Rio de Janeiro. Pp. 1-19.

FILMES MENCIONADOS

- NAUSICÁ DO VALE DO VENTO*. Título original: *Kaze no tani no Naushika*. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Topcraft. Japão: Toei Company, 1984 (117 min.). Netflix.
- O CASTELO NO CÉU*. Título original: *Tenkû no shiro Rapyuta*. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toei Company, 1986 (126 min.). Netflix.
- PRINCESA MONONOKE*. Título original: *Mononoke-hime*. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toho, 1997 (133 min.). Netflix.
- A VIAGEM DE CHIHIRO*. Título original: *Sen to Chihiro no kamikakushi*. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toho, 2001 (125 min.). Netflix.